V. 16 – 2025
ISSN: 2179-1465 / https://www.revistageminis.ufscar.br
DOI: 10.14244/2179-1465.RG.2025v16p142-153

O BALLET DE PACARRETE: A ATIVIDADE HUMANA COMO PRODUÇÃO DE VIDA E RESISTÊNCIA

PACARRETE BALLET: HUMAN ACTIVITY AS A PRODUCTION OF LIFE AND RESISTANCE

PACARRETE BALLET: LA ACTIVIDAD HUMANA COMO PRODUCCIÓN DE VIDA Y RESISTENCIA

João Gabriel Trajano Dantas
Universidade Federal de São Carlos
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-8273-9137
São Carlos, SP, Brasil

Sabrina Helena Ferigato
Universidade Federal de São Carlos
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-7567-7225
São Carlos, SP, Brasil

Recebido: 06/10/2023 / Aprovado: 04/06/2024
Como citar: DANTAS, J. G. T.; FERIGATO, S. H. O Ballet de Pacarrete: a atividade humana como produção de vida e resistência. Revista GEMInIS, v. 16, p. 142-xx, 2025.
Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 3.0 Internacional.

Revista GEMInIS
ISSN: 2179-1465
https://www.revistageminis.ufscar.br

RESUMO

A proposta deste ensaio é analisar como os conceitos de Participação Social e Atividade Humana, amplamente discutidos no campo da Terapia Ocupacional e da Saúde Mental, se desdobram nas cenas de um filme nacional baseado em fatos reais. A análise do filme representa a utilização de um recurso artístico, neste caso o cinematográfico, como janela a uma dada realidade, nos oferecendo a oportunidade de entrever as delicadezas e camadas de um cotidiano. *Pacarrete* (2020) é um filme de produção Cearense com direção de Allan Deberton, cujo enredo gira em torno da artista Maria Araújo Lima, mais conhecida como Pacarrete.

Palavras-chave: Saúde Mental, Atividade Humana, Participação Social.

ABSTRACT

The purpose of this essay is to analyze how the concepts of Social Participation and Human Activity, widely discussed in the field of Occupational Therapy and Mental Health, unfold in the scenes of a national film based in real events. The analysis of the film represents the use of an artistic resource, in this case cinematography, as a window to a given reality, offering us the opportunity to glimpse the delicacies and layers of everyday life. Pacarrete (2020) is a film produced in Ceará and directed by Allan Deberton, whose plot revolves around the artist Maria Araújo Lima, better known as Pacarrete.

Keywords: Mental Health, Human Activity, Social Participation.

RESUMEN

El propósito de este ensayo es analizar cómo los conceptos de Participación Social y Actividad Humana, ampliamente discutidos en el campo de la Terapia Ocupacional y Salud Mental, se despliegan en los escenarios de una película nacional baseada en hechos reales. El análisis de la película representa la utilización de un recurso artístico, en este caso la cinematografía, como ventana a una realidad dada, brindándonos la oportunidad de vislumbrar las delicadezas y estratos de la cotidianidad. Pacarrete (2020) es una película producida en Ceará y dirigida por Allan Deberton, cuya trama gira en torno a la artista Maria Araújo Lima, más conocida como Pacarrete.

Palabras Clave: Salud Mental, Actividad Humana, Participación Social.

Revista GEMInIS
ISSN: 2179-1465
https://www.revistageminis.ufscar.br

INTRODUÇÃO

Este ensaio é motivado pelo olhar que o filme *Pacarrete* (2020) lança para o cotidiano da personagem principal - cujo nome dá título ao filme - levando em conta os tensionamentos que são gerados a partir do atrito entre os desejos de Pacarrete com as dinâmicas e estruturas da cidade em que mora.

Pacarrete (2020) é um filme de produção Cearense com direção de Allan Deberton, inspirado em fatos reais que desenvolve seu enredo em torno da vida da dançarina Maria Araújo Lima, mais conhecida como Pacarrete, interpretada pela atriz paraibana Marcelia Cartaxo, dando centralidade aos acontecimentos que se instauram a partir de seu retorno a Russas, sua cidade natal, localizada na região de Jaguaribe, no sertão do Ceará.

Desde criança, Pacarrete cultivava o desejo de encantar o mundo com sua arte, com seus movimentos, sua dança. Movida por este desejo e para consolidar sua carreira profissional como bailarina clássica, muda para a capital do estado, Fortaleza, cidade onde acaba se tornando professora de dança.

Após sua aposentadoria, retorna para sua cidade natal para cuidar de sua irmã mais velha, Chiquinha, interpretada pela atriz Zezita Matos. O retorno à Russas não amenizou a vontade de continuar seu trabalho como dançarina, principalmente quando deseja presentear a cidade com sua apresentação: O Ballet de Pacarrete, que aconteceria durante as comemorações de aniversário de 200 anos da cidade. Para isso, vai com frequência à prefeitura para exigir sua participação na programação cultural da festa, porém encontra diversas barreiras e desrespeito à sua arte.

Cabe ressaltar que Pacarrete produz uma existência diferenciada, é reconhecida e apontada como louca pelos cidadãos da cidade, sendo assim, desacreditada e estigmatizada socialmente. Goffman (2004), aponta que a estigmatização pode proporcionar uma experiencia de inabilidade "para a aceitação social plena", repercutindo assim nas relações que podem ser construídas entre o sujeito e seu meio social. Este fato nos faz pensar nos diferentes processos de exclusão que Pacarrete, ao ser estigmatizada, pode encontrar nas entranhas das cidades.

Em cena, assistimos situações que mostram a relação de Pacarrete com sua arte, com sua rede social, com seus desejos e o modo em que procura exercer o direito de participar do cotidiano de sua cidade natal.

A análise deste filme busca utilizar o recurso artístico, neste caso o cinematográfico, como janela a uma dada realidade, que oferece a oportunidade de entrever as delicadezas e camadas de um cotidiano singular, em um território próprio e expressivo.

Revista GEMInIS
ISSN: 2179-1465
https://www.revistageminis.ufscar.br

Para Galheigo (2020, p.8), é por meio da leitura do cotidiano que se torna possível acessar diferentes aspectos que atravessam "a experiência, o real, o imaginário, a memória, os sonhos, os sentimentos, as necessidades e os afetos" de sujeitos individuais e coletivos. Além disso, para a autora

> Os produtores de arte e de conhecimento, ao se debruçarem sobre o cotidiano, revelam a tessitura da vida: apresentam as camadas duras da repetição e do sofrimento do dia a dia; mostram a delicadeza dos afetos e o encantamento de pequenos gestos e fazeres; viabilizam a diferença, a discriminação, os preconceitos e as injustiças; e oferecem testemunho das possibilidades de criação, reinvenção, cooperação e transformação de si e do mundo.

A proposta da aproximação com o cotidiano da protagonista nos permite vislumbrar como Pacarrete, ao defender o direito de dançar, tensiona diferentes camadas de sua cotidianidade: seu corpo, suas relações, os espaços da cidade e os múltiplos processos de subjetivação. No filme, Pacarrete representa o corpo que não se deixa conformar, que insiste em resistir às estruturas que anseiam por excluí-la, colocando-a à margem.

Desta forma, encontramos na aproximação entre a terapia ocupacional com o filme em destaque uma oportunidade para exercitar e vislumbrar como conceitos e contornos teóricos podem ganhar outras dimensões quando aplicadas à uma dada realidade, ainda que cinematográfica.

Tomando a dança como atividade humana dotada de sentido, que mobiliza desejos, que movimenta o corpo anatômico e simbólico de Pacarrete, mas sobretudo, movimenta a relação de seu corpo com as estruturas e fluxos da cidade. Desta forma, este ensaio busca, a partir da análise fílmica, adensar as discussões sobre as relações entre atividades humanas, participação social e a produção de cidades.

METODOLOGIA

Para realizar nossa análise, produzimos um ensaio. O método ensaístico se define como movimento crítico-reflexivo sobre um tema, incluindo articulações teórico-práticas e ideias apresentadas de forma pessoal e não investigativa (Lima, 1946). Por ter um caráter eminentemente subjetivo, o filósofo Ortega y Gasset (1963) define o método ensaístico como a ciência sem prova explícita.

Montaigne cria o termo "ensaio" transpondo o termo do campo prático - relacionado às primeiras tentativas de um aprendiz em qualquer ofício que 'ensaia' sua atividade - para o campo do pensamento, da linguagem e da escrita (Antunes, 2018).

Deste modo, o método ensaístico, nos parece propício para a produção de conhecimento reflexivo, sobre um processo de análise fílmica que se situa na interface entre arte e operadores teórico-práticos da terapia ocupacional.

Revista GEMInIS
ISSN: 2179-1465
https://www.revistageminis.ufscar.br

Com o termo "operadores teórico-práticos" nos referimos à conceitos ferramentas que compõe o núcleo da profissão – atividade e participação social - mas que se produzem a partir de narrativas interdisciplinares em disputa que tentam, ora explicar/controlar seus efeitos ora ampliar suas potências, afirmando sua multiplicidade semântica e práxica.

Assim, partimos de uma posição ética de afirmação da necessidade de *ensaiar* o uso dos termos atividade humana e a participação social a partir de um disparador audiovisual, sem a necessidade de aprisioná-las em referenciais teóricos definitivos. Para isso, as artes podem ser potentes aliadas.

Esteticamente, afirmamos com essa aposta um modo de produzir pensamento e conhecimento - um ensaio – que, após tatear um processo analítico e artístico, se abre para a imaginação. Como nos lembra a filosofia africana de Ngoenha (2014, p. 10), "não nos seria possível viver sem uma imagem do futuro, sem aquela fantasia política que permite inventar o amanhã e viver o hoje".

Assim, nos lancemos ao ensaio - uma análise crítico-reflexiva sobre as relações entre uma vida e a cidade, apoiando-se nas noções terapêuticas ocupacionais de participação social e atividade humana.

ATIVIDADE E PARTICIPAÇÃO SOCIAL: UMA DANÇA COM A CIDADE.

As atividades humanas encontram-se dentro dos principais alicerces que estruturam o campo profissional e do saber da terapia ocupacional brasileira. As terminologias desta área apresentam uma variedade de referenciais teórico-metodológicos com diferentes concepções, abordagens e definições sobre a relação entre a atividade humana e a profissão.

Países de origem anglo-saxã, como Estados Unidos, adotam, majoritariamente, o termo 'Ocupação' para se referir ao objeto da terapia ocupacional. No Brasil, o termo mais utilizado entre a comunidade de terapeutas ocupacionais é 'Atividade', embora com sentidos diversos, o termo tem sido constantemente discutido, revisitado e transformado pela produção de conhecimento nacional, possivelmente caminhando para uma tendência de universalização do conceito (Lima, Okuma, Pastores, 2011).

Lima, Okuma e Pastores (2013), em sua pesquisa sobre o modo como autoras da terapia ocupacional se posicionam frente ao conceito de 'Atividades', discutiram e identificaram alguns eixos norteadores e recorrentes nas discussões do campo, sendo elas: atividade terapêutica; atividade humana; atividade como meio, recurso ou instrumento; atividade e terapia ocupacional.

Nossa escolha para guiar a análise dos acontecimentos do filme pauta-se pelo termo atividade humana. Sua utilização, dentro do campo da Terapia ocupacional, "é permeada de historicidade e atravessada pela dimensão sociopolítica, de forma a articularem-se o processo individual, a história e

Revista GEMInIS
ISSN: 2179-1465
https://www.revistageminis.ufscar.br

a cultura de um grupo." (Lima, Okuma, Pastores, 2013, p. 4). Sendo assim, a atividade humana, de acordo com os referenciais da terapia ocupacional que adotamos, indica campos de produção cultural, que condensam diferentes conjuntos de "hábitos, técnicas, instrumentos, materiais, formas socialmente estabelecidas de fazer e conhecimentos historicamente constituídos." (Lima, 2019, p.99). A atividade humana relaciona o corpo com os espaços e sujeitos à sua volta e, como destaca Ferigato (2007, p.135), "oferece sensações, dificuldades, solicita resoluções, estimula e provoca novas reflexões".

As atividades humanas são carregadas de valores culturais e sociais e não estão, necessariamente, ligadas à uma realidade terapêutica ou à produção de bem-estar. As atividades podem tanto guiar à uma experiência ocupacional de transformação pessoal e social, quanto ser resultado de um sistema opressivo que limita a liberdade criativa de realizar alguma coisa (Pierce, 2003).

Nos termos do filme, por um lado vemos uma atividade central (a dança de Pacarrete) em sua dimensão histórica, resultado da produção de identidade e subjetividade da protagonista, por outro lado, vemos o encontro entre o sertão e a arte erudita, atualizado em um corpo que dança ballet no semiárido do nordeste brasileiro, desafiando as classificações classistas entre a arte popular e a arte erudita em seus lugares distintos de poder e de penetração social.

Ao dançar, Pacarrete gira o mundo aos seus pés, movimenta os ventos ao seu redor, o chão em que pisa, as pessoas que insistem em desviar os olhares e aquelas que se encantam e se aproximam de seu universo dançante como o dono do bar: Miguel, interpretado pelo ator João Miguel, pessoa com quem compartilha uma relação de empatia, cuidado e afeto.

Seu espetáculo 'O ballet de Pacarrete' seria um presente oferecido à cidade de Russas que completa 200 anos de aniversário. Pacarrete comenta com seu confidente Miguel sobre sua apresentação nas festividades da cidade:

> Pacarrete: "*As pessoas de Russas vão saber quem eu fui!*" (Pacarrete, 2020).

É por meio do Ballet que a protagonista busca reconhecimento, deseja que sua potência seja reconhecida e valorizada pelos moradores de Russas.

Neste sentido, o papel da atividade da dança provoca e produz um movimento único, ou como prefere Lima (2019, p. 99) "uma pequena desterritorialização daquele território no qual a ação emergiu. Repetição e diferença aparecem assim atreladas num mesmo ato".

Revista GEMInIS
ISSN: 2179-1465
https://www.revistageminis.ufscar.br

Em contrapartida, do lado oposto, vemos o que se apresenta como barreira, representada pela resistência da prefeitura da cidade, que responde à produção capitalista de exploração do espaço e da cultura, do consumo generalizado da arte, da padronização dos desejos e o conservadorismo da produção cultural local. A insistência da prefeitura em restringir as apresentações artísticas do festival à arte tipicamente sertaneja-nordestina, por um lado, fortalece a identidade cultural de seu povo, mas por outro, impede a circulação de novos devires-artísticos, bloqueia o encontro entre as diferenças e por tanto impede a criação de uma arte outra para caracterizar a pluralidade de Russas e valorizar o que é produzido pelos próprios cidadãos.

A sobrinha do prefeito e secretária de cultura Diana, representada pela atriz Débora Ingrid, rejeita a proposta de Pacarrete dizendo que a comemoração terá um caráter 'mais popular', reforçando que este tipo de apresentação não cabe na programação pois gostaria que a festa 'ficasse para a história'. Diana não leva a diante a proposta de Pacarrete, mas oferece falsas esperanças à protagonista, talvez na esperança que ela desista de seu pedido.

*Pacarrete: "*Eu morri e esqueci de me avisar. Acho que por isso que eu grito, eu grito tanto que ninguém me ouve" (Pacarrete, 2020)

(Pacarrete desabafando com Chiquinha após Diana abandoná-la numa estrada de chão e ter seu pedido permanentemente negado).

O que está em jogo no filme, assim como em nossa reflexão teórico-prática, não é apenas a inserção de Pacarrete na programação cultural da cidade, como resultado de sua inclusão, mas nos chama a atenção as relações de saber-poder e produção subjetiva que atravessam os processos de exclusão.

Como a prefeitura desvaloriza sua solicitação, desrespeitando-a enquanto sujeito, como cidadã da cidade de Russas. Deste modo, deslegitima sua arte e sua história em nome de uma economia baseada na produção de lucro, de identidade cultural pré-definida, na exploração de recursos, que acaba por padronizar subjetividades apreendidas pelo capitalismo, como na escolha de um show com grandes proporções capaz de movimentar grande quantidade de capital para a comemoração de aniversário.

Sobre movimentos como esse, Lima (2019, p. 103), nos adverte sobre o risco de as atividades humanas serem capturadas "para o interior de um quadro de valor pautado no lucro e na exploração de todos os recursos existentes e articuladas a uma subjetividade do equivaler generalizado." É neste processo que a diferença e a produção de outras subjetividades são asfixiadas e despotencializadas.

Revista GEMInIS
ISSN: 2179-1465
https://www.revistageminis.ufscar.br

A atividade de dança proposta por Pacarrete também produz movimentos de participação social, conceito que se materializa no cotidiano, nos espaços da cidade e nas relações entre os sujeitos. Conceito que diz respeito a uma dada realidade que é constantemente atravessada por diferentes contextos.

Trata-se de um conceito utilizado por vários campos do saber (Psicologia, Sociologia, Política, Terapia Ocupacional, etc), dotado de complexidades, múltiplos sentidos e significados, existindo assim, uma variação considerável em seu uso (Correa e Silva, 2019).

Apesar dessa variação, Barros, Lopes e Galheigo (2007) ressaltam que sua dimensão política valoriza aspectos individuais e coletivos e sua relação com espaços comunitários que permitem aos sujeitos a transformação de seu próprio cotidiano. Dessa forma, participar socialmente seria tanto um direito social quanto o ato de pertencer e resistir às estruturas de opressão e exclusão que insistem em instaurar lacunas (ou alargar as que já existem) entre os sujeitos e seus espaços sociais, comunitários, públicos e políticos. Ou seja, participar socialmente é manter-se ativo na produção do mundo a que se pertence.

Apesar de seus múltiplos sentidos, este ensaio entende o conceito de participação social como apontado por Correa e Silva (2019, p. 859), que entendem como:

> o envolvimento dos sujeitos em grupos sociais e/ou nos espaços públicos e comunitários, para transformar o cotidiano e as condições de vida marcados pelo adoecimento, violência, sofrimento mental e/ou psíquico, injustiça social e ocupacional, desigualdade, preconceitos, exclusão e opressão.

Neste sentido, a participação social se materializa na realidade e cotidiano vividos pelos sujeitos no diálogo com diferentes espaços da cidade. Sendo assim, a leitura dessa realidade pode favorecer o entendimento de como a participação social de determinado sujeito ou grupo social se materializa na vida da cidade, dos espaços e das pessoas.

Desta forma, diferentes dimensões da participação social de Pacarrete são desenvolvidas ao longo do enredo do filme, como por exemplo: suas idas à prefeitura para inserir sua apresentação durante as festividades de aniversário da cidade; a ida à costureira para encomendar o vestido de bailarina que a mesma desenhou; ida ao bar para conversar com Miguel, e até mesmo quando cuida de sua irmã.

Ao ocupar e praticar os espaços da cidade (prefeitura – casa – bar – ruas – calçadas), Pacarrete tensiona o modo de produzir e consumir cultura na cidade. Ao ter seu pedido deslegitimado e negado repetidas vezes, a prefeitura anula e desrespeita tudo o que Pacarrete pode vir a ser, tudo o que ela representa ou pode expressar. O atrito entre essas duas forças cria um fluxo que procura deslocar

Revista GEMInIS
ISSN: 2179-1465
https://www.revistageminis.ufscar.br

Pacarrete à margem, na intenção de tornar seu corpo dócil[1], para não incomodar, não interferir na estrutura já instituída.

> *Pacarrete:* "O povo aqui não faz pessoa em mim. Dói Chiquinha, todo meu corpo dói! Machuca, machuca mais que meus calos."
> (Pacarrete, 2020)

Neste sentido, dançar é o grito de Pacarrete contra um sistema e uma cultura que insistem em desvalorizar sua arte, sua cidadania, sua história seus processos de subjetivação. É uma experiência, um modo de instaurar presença e consciência na vida da cidade, um modo de pertencer que se relaciona com as possibilidades de transformação social e pessoal.

É dessa forma que, ao dançar, Pacarrete se fortalece, se movimenta, participa, tensiona, questiona, se opõe, manifesta, se relaciona, busca expressar o que seu corpo é por isso que Pacarrete grita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi por meio da análise do filme que este ensaio explorou diferentes nuances que atravessavam o cotidiano da protagonista, abrindo possibilidades para discussões teórico-práticas de conceitos utilizados no campo da Terapia Ocupacional, com a proposta de analisar como estes conceitos se desdobraram no decorrer dos acontecimentos observados no filme.

Reforçamos que a ideia de que as análises de recursos audiovisuais podem oferecer pistas estratégicas que importam à produção de conhecimento na área de Terapia Ocupacional e Saúde Mental.

A compreensão do *Ballet de Pacarrete* dentro dos pressupostos teóricos da atividade humana puderam evidenciar os aspectos políticos que movimentaram a protagonista em torno de sua participação social na cidade, oferecendo uma compreensão prática, corporificada e aplicada à uma dada realidade.

Que Pacarrete e sua arte possam inspirar terapeutas ocupacionais e profissionais do campo da saúde mental no sentido de encontrarem força política nas intervenções junto aos sujeitos que

[1] "O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula, e o recompõe. Uma "anatomia política", que é também igualmente uma "mecânica do poder", está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. Disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos "dóceis" (FOUCAULT, 1987, pg. 119)

Revista GEMInIS
ISSN: 2179-1465
https://www.revistageminis.ufscar.br

acompanham. Que a produção de vida e resistência possam transformar o cotidiano no sentido de produzir uma realidade mais justa e participativa, que resiste aos processos de opressão e exclusão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Denise Dias; LOPES, Roseli Esquerdo; GALHEIGO, Sandra Maria. Novos espaços, novos sujeitos: a terapia ocupacional no trabalho territorial e comunitário. In: CAVALCANTI, Alessandra.; GALVÃO, Cláudia (org.). **Terapia ocupacional: fundamentação e prática**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007. p. 354-364.

FERIGATO, Sabrina Helena. O agir criativo em Terapia Ocupacional: uma reflexão filosófica a partir dos paradoxos da contemporaneidade. **Cad. de Ter. Ocup. da UFSCar**, São Carlos, v. 15, n. 2, p. 131-198, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

GALHEIGO, Sandra Maria; Terapia ocupacional, cotidiano e a tessitura da vida: aportes teórico-conceituais para a construção de perspectivas críticas e emancipatórias. **Cad. Bras. Ter. Ocup**.v. 28, n.1, p. 5-25, 2020.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC, 124p., 2004

LIMA, Elizabeth. Maria Freire de Araújo; OKUMAB, Danielle Guimarães; PASTORE, Marina Di Napoli. Atividade, ação, fazer e ocupação: a discussão dos termos na Terapia Ocupacional brasileira. **Cad. Ter. Ocup. UFSCar**, São Carlos, v. 21, n. 2, p. 1-12, 2013.

LIMA, Elizabeth Maria Freire de Araújo; PASTORE, Marina Di Napoli; OKUMA, Danielle Guimarães. As atividades no campo da Terapia Ocupacional: mapeamento da produção científica dos terapeutas ocupacionais brasileiros de 1990 a 2008. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 22, n. 1, p. 68-75, jan./abr. 2011.

Revista GEMInIS
ISSN: 2179-1465
https://www.revistageminis.ufscar.br

NGOENHA, Severino Elias. **Filosofia Africana – das independências às liberdades**. Porto Velho: Paulinas Editora, 2014.

PIERCE, Doris. Desembaraçando ocupação e atividade. **Revista do Centro de Estudos de Terapia Ocupacional**, v. 8, n. 8, 2003. Tradução do: PIERCE, D. Untangling Occupation and Activity. Am J Occup Ther; vol.55, n.2, p.138-146, 2001.

SILVA, Ana Cristina Cardoso da Silva.; OLIVER, Fátima Corrêa. Participação Social em terapia ocupacional: sobre o que estamos falando? **Cad. Bras. Ter. Ocup.**, São Carlos, v. 27, n. 4, p. 858-872, 2019.

Informações sobre o Artigo

Resultado de projeto de pesquisa, de dissertação, tese: Este ensaio é uma produção que compõe a tese de doutorado intitulada “Encontros com a cidade: Poéticas e práticas na interface da saúde mental com o espaço urbano” com orientação da profª Drª Sabrina Helena Ferigato. A tese encontra-se em desenvolvimento e este artigo é um resultado das consolidações teóricas dos autores.

Fontes de financiamento: Bolsa CAPES

Apresentação anterior: não se aplica.

Agradecimentos/Contribuições adicionais: Gostaria de agradecer a profª Drª Taís Quevedo Marcolino pelo carinho, apoio e suporte.

João Gabriel Trajano Dantas

Graduado em Terapia Ocupacional pela Universidade de Brasília (UnB). Doutorando em Terapia Ocupacional pelo Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional (UFSCar). Mestre em Ciências pelo Programa de Educação e Saúde na Infância e Adolescência pela Universidade Federal de São Paulo. Especialista em Psicoterapia Junguiana pela Faculdade de Ciências da Saúde de São Paulo e em Gestão de Redes de Atenção à Saúde pela Fundação Oswaldo Cruz. Atuou junto ao processo de desinstitucionalização da região de Sorocaba e em diferentes equipamentos da Rede de Atenção Psicossocial (CAPS, CAPS AD, NASF, Residências Terapêuticas), tem experiência nos campos da saúde mental e saúde coletiva. Configura seu campo de interesse nos temas: Terapia Ocupacional, Saúde Mental Adulto, Reabilitação psicossocial, Saúde Coletiva, Atenção Primária à Saúde, vulnerabilidade social, Juventudes, Cultura.

Revista GEMInIS
ISSN: 2179-1465
https://www.revistageminis.ufscar.br

E-mail: gabrieldantas.to@gmail.com
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-8273-9137

Sabrina Helena Ferigato

Terapeuta Ocupacional (PUC-Campinas), com aprimoramento em Saúde Mental (UNICAMP), Mestrado em Filosofia Social (PUC-Campinas); Doutorado em Saúde Coletiva (UNICAMP) e pós-doutorado em Medicina Preventiva pela Universidade de São Paulo (USP). Professora adjunta do Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), credenciada junto aos Programa de pós-graduação em Terapia Ocupacional da UFSCAR e ao programa de pós-graduação em Saúde Coletiva da UNICAMP. Atual coordenadora da Coordenadoria de Articulação em Saúde Mental da UFSCar. Tem experiência na área de Terapia Ocupacional, Saúde e Cultura, Saúde Mental, Atenção Básica e Saúde Coletiva.

E-mail: sabrinaferigato@gmail.com
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-7567-7225